

Tramas Coloniais

Episódio 4 - Qual é a cor do projeto colonial?

Transcrição

[INÍCIO DO EPISÓDIO]

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Som ambiente de um mercado popular na Namíbia.

[RAQUEL]

Em fevereiro de 2024 eu estive na Namíbia. A capital Windhoek ainda é uma cidade extremamente segregada. No centro, circula a elite branca, com descendentes de colonizadores alemães e brancos sul-africanos. As pessoas pretas vivem nas periferias. E esse som que você tá ouvindo é de Katutura, um bairro periférico da capital.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Som ambiente com vendedores falando.

[RAQUEL]

Eu tava num mercado popular chamado Okuryangava Stop and Shop. Nesse tipo de mercado, me chamou muita atenção a quantidade de produtos cosméticos pra clarear a pele. São dezenas de marcas diferentes, e os vendedores vão empilhando os potinhos nos mostruários, um se equilibrando em cima do outro. Os rótulos em inglês vão todos na mesma linha: “Extra Clair”, “Clear Therapy”... tinha um chamado “Pretty White”, que prometia clarear a pele em 5 dias... Eu tentei puxar assunto com alguns vendedores pra saber a procedência desses cremes, e também pra saber quem costumava comprar.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Ninguém quer falar muito, né, sobre os produtos.

[RAQUEL]

É que boa parte desses produtos tem venda proibida na Namíbia. Só depois de caminhar bastante, eu consegui trocar algumas palavras com uma senhora.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Raquel:** And these creams for the skin, you said you have here. It's like the ones people are selling there? To make the skin lighter or not? It is different? Because there are lots of creams to make the skin lighter, you know? Do people buy it a lot?
- **Vendedora:** What can I say? Just for the skin not to be dry.
- **Raquel:** Hmm, not to be dry, ok.

[RAQUEL]

De início ela falou que os produtos eram só pra não deixar a pele ressecada. Mas aos poucos ela foi contando que o objetivo era outro, e que o uso podia até ser perigoso, por causa de substâncias tóxicas. A vendedora terminou rindo meio sem jeito... e admitindo que, sim, as pessoas querem ser brancas.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Vendedora:** Not to change it.
- **Raquel:** Not to change the color, yeah. And do people buy these to change the color a lot here? Because there are lots of them there.
- **Vendedora:** A lot want to be a light. But they don't know that it could be dangerous.
- **Raquel:** Yeah, it's dangerous, there are like many... I don't know, toxic things inside.
- **Raquel:** But still people buy it a lot apparently, no?
- **Vendedora:** They want to be... want to look nice, they want to be white **[risos]**
- **Raquel:** They want to be white. Yeah.

[RAQUEL]

They want to be white. Eles querem ser brancos.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Eu sou a Raquel Sirotti, e hoje a gente vai conversar sobre raça, e sobre a consolidação do racismo como resultado da colonização. Eu vou te contar histórias da Namíbia, da África do Sul, de Angola, da Etiópia... e te mostrar como a questão racial também se tornou a linha condutora pros movimentos de resistência. Esse é o quarto episódio de Tramas Coloniais, um podcast sobre a história do colonialismo. Uma imersão no passado pra tentar entender o presente e, quem sabe, projetar o futuro. Em sete episódios, o nosso olhar se volta pro centro do mapa: a África.

[MÚSICA]

Fim do tema de abertura.

[JANAÍNA OLIVEIRA]

Episódio 4: Qual é a cor do projeto colonial?

[ÁUDIO]

- Som de TV ligando.
- Anúncio da TV angolana, com música.

[RAQUEL]

Esse é um anúncio veiculado nos últimos anos em canais públicos e privados na TV de Angola. A música acompanha a imagem de uma mulher negra, enrolada numa toalha branca depois do banho. Ela tá num quarto luxuoso, sorrindo, e passando uma loção no corpo.

[ÁUDIO]

- Locutora: O segredo de uma pele radiante, uniforme e sem manchas. Bom Clair. Loção clareadora com óleo de cenoura.
- Atriz: Revela o brilho que há em ti.

[RAQUEL]

Em Angola, na Namíbia e em muitos países da África e da Ásia, é comum encontrar esses produtos de beleza que prometem o clareamento ou embranquecimento da pele. No continente africano, essa tentativa de descolorir a pele atingiu níveis epidêmicos, principalmente entre as mulheres. A venda muitas vezes se restringe ao mercado informal, porque os efeitos colaterais podem ser muito graves, incluindo doenças de pele e até condições como diabetes e hipertensão. Essa obsessão por um tom de pele mais claro chega a movimentar mais de 10 bilhões de dólares por ano no mercado global de cosméticos. Uma questão de saúde pública, intimamente conectada com o colonialismo. Se hoje em dia o tom da pele ainda influencia nas dinâmicas sociais, no período colonial esse era um fator que determinava quase tudo na vida de um ser humano: onde ele podia morar, o que podia comprar, com quem podia se casar, com o que podia trabalhar. Isso vale inclusive pro Brasil. E tem um ótimo exemplo disso em um dos museus mais tradicionais do país.

[GABI]

Oi, Raquel. Oi pra você que tá ouvindo. Eu sou a Gabriela Montoni, e eu quero te contar sobre uma pintura que tá no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Uma arte que de bela não tem nada. É uma das pinturas mais reacionárias e racistas do século 19. Eu tô falando do quadro “A redenção de Cam”. É um óleo sobre tela, feito em 1895 pelo espanhol Modesto Brocos, que viveu no Brasil por mais de 40 anos. A imagem mostra, no lado esquerdo, uma senhora, negra retinta, usando um lenço na cabeça, com as mãos pro céu agradecendo pelo embranquecimento da família dela. No centro do quadro tá a filha dela, que tem a pele mais clara, e no colo da filha tem um bebê com a pele bem branca. No lado direito, o pai da criança, um homem também branco, olhando pro bebê com uma expressão de orgulho. O Modesto Brocos, que pintou a obra três anos depois da Abolição da Escravatura no Brasil, nunca escondeu que apoiava as teorias eugenistas. E o quadro acabou virando uma alegoria dessa representação do branco como símbolo do progresso, e o negro como símbolo do atraso. O embranquecimento era estimulado no fim do século 19 no Brasil, no mesmo período da intensificação do colonialismo na África. E os efeitos disso tão aí até hoje. Deu pra ver na visita da Raquel ao mercado da Namíbia, né?

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Falando em eugenia, no episódio 2 a gente citou aqui o Francis Galton, cê lembra? O antropólogo inglês do século 19 que ajudou a transformar o racismo num postulado científico. Ou melhor, pseudocientífico, porque as ideias eugenistas dele sobre hereditariedade e genética foram refutadas pouco depois pelos próprios cientistas. Mas a relação do racismo com o colonialismo começou muito antes do Galton. Desde o começo da expansão europeia, lá no século 15, a cor da pele já era uma questão central pra classificar as pessoas socialmente. E a maior razão pra isso foi a escravidão. Em meados do século 16, em países que lideravam a corrida colonial, como Portugal e Espanha, ser negro ou indígena era praticamente sinônimo de ser escravizado. A cor da pele podia ser um privilégio, que rendia títulos de nobreza e posse de territórios, ou um defeito, que impedia o acesso a tudo isso. Você provavelmente já ouviu falar - ou já leu - o livro “Um Defeito de Cor”, da Ana Maria Gonçalves. Nos primeiros séculos do colonialismo europeu, o defeito de cor não era só uma expressão: era uma categoria jurídica atribuída às pessoas. Eram vários tipos de... entre aspas... “defeitos”. Tinha o “defeito de nascimento”, pra quem era por

exemplo fruto de uma relação adúltera. Tinha o “defeito de sangue”, pra quem era judeu ou muçulmano. E o “defeito de cor”, pra quem não era branco. Nas colônias, as limitações impostas pelo defeito de cor variavam bastante. No Brasil colonial, era praticamente impossível que um negro ocupasse um cargo na administração pública. Em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que também foram colônias portuguesas, os chamados mulatos podiam conseguir algumas posições no governo. Pra ter uma ideia de como isso funcionava na África colonial, eu vou trazer de volta pro podcast a professora angolana Conceição Neto, que passou por aqui no episódio anterior.

[ENTREVISTA - CONCEIÇÃO NETO]

Eu sou aquilo que se chama na nossa linguagem, filha de colonos. Portanto o meu pai e a minha mãe são portugueses, vieram para Angola nos anos 50 como tantos outros.

[RAQUEL]

Ela é uma mulher branca que nasceu em Angola quando o país ainda era uma colônia de Portugal.

[ENTREVISTA - CONCEIÇÃO NETO]

Por isso, durante todo o período colonial, eu fiz parte do grupo de pessoas que, quisessem ou não, desfrutavam de um privilégio óbvio.

[RAQUEL]

Aqui a gente tá falando das décadas de 1960 e 70, mas ela usa a mesma palavra que, lá nos séculos 16 e 17, representava uma categoria jurídica pra dar acesso a uma série de espaços e cargos políticos e sociais: o privilégio.

[ENTREVISTA - CONCEIÇÃO NETO]

É que a partir do momento em que qualquer branco chegasse a Angola, ele percebia e era-lhe inculido isso, que ele tinha um poder muito acima do seu poder normal na terra de onde veio sobre todo o que fosse não branco. Portanto a percepção de questões como racismo e colonialismo para mim são mais do que discussões epistemológicas ou teóricas. São coisas que fizeram parte de uma vivência em que todos os dias se percebia como a hierarquia colonial não era apenas racial - e não era apenas racial mesmo, havia brancos muito pobres em Angola - mas qualquer um, quando desembarcava no porto de Luanda, ou no porto

do Lobito, e estendia a mão para pegar na mala pesada, recebia o recado do seu conterrâneo português, que dizia: “Epa, isso não, aqui isso é dos pretos, não é você que carrega a mala”.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

A associação da cor da pele com o preconceito social tava consolidada desde o século 19, com as justificativas biológicas da eugenia. Mas a ideia de racismo já tava presente muito antes da categorização científica. É uma ideologia, uma maneira de moldar o jeito como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Lembra daquela conversa sobre epistemologia no episódio 2? É isso, a ideologia é uma maneira de explicar o mundo que se baseia em ideias, não em evidências. O que aconteceu cada vez mais a partir dos séculos 17 e 18 foi a tentativa de transformar a ideologia num critério neutro e objetivo, uma espécie de carimbo da ciência. Nesse processo, a cor da pele foi um critério fundamental, ao lado de outras características biológicas. Ouve só esse trechinho do livro "Um ensaio sobre a desigualdade das raças humanas", escrito entre 1853 e 1855 por Arthur de Gobineau, um diplomata e filósofo francês conhecido como um dos pais do racismo científico.

[CAIO SANTOS]

As raças existentes constituem ramos separados de um ou vários estoques primitivos. Diferem-se na forma e proporção dos membros, na estrutura do crânio, na conformação interna do corpo, na natureza do sistema capilar, na cor da pele e assim por diante; e nunca conseguiram perder suas características distintivas exceto sob a influência poderosa do cruzamento de sangue. Essa permanência das qualidades raciais é suficiente para gerar a radical dessemelhança e desigualdade que existe entre os diferentes ramos.

[RAQUEL]

Além de organizar a diversidade humana em categorias biológicas, Gobineau hierarquizava o comportamento das pessoas com base no critério racial. E é lógico que ele argumentava pela superioridade da raça branca, afirmando que a mistura com outras raças levaria ao declínio das civilizações. Essas ideias são retratadas no filme “Vênus Negra”, de 2010, que conta a história real de Sarah Baartman, uma mulher sul-africana exibida pra plateias na Europa como uma aberração selvagem.

[ÁUDIO]

[Filme Vênus Negra]

- Aplausos da plateia.
- Thank you, ladies and gentlemen. You are about to witness a truly remarkable phenomenon: a female savage from the dark continent: Africa.
- Plateia assustada.

[RAQUEL]

A primeira cena do filme é uma aula de anatomia na Academia Real de Medicina em Paris, em 1815. Diante de uma plateia branca, um cientista exhibe um modelo em tamanho real de uma mulher do povo Cói. A Sarah Baartman pertencia a esse povo, que era chamado pelos europeus de Hotentote. O cientista mostra ilustrações de crânios e, num tom professoral, diz em francês que nunca viu uma cabeça humana tão semelhante à de um macaco.

[ÁUDIO]

- Professor (em francês): Para dizer a verdade, nunca vi uma cabeça humana tão semelhante à de um macaco.

[RAQUEL]

Esse tipo de postulado científico categorizava a raça negra como inferior e abria brecha pra essas apresentações em que o patrão da Sarah Baartman mandava que ela dançasse e se exibisse diante do público na Europa.

[ÁUDIO]

- Apresentador: And now, ladies and gentlemen, for the high point of our show, as she demonstrates her real talent, as she does the savage dance of Africa.
- Gritos da plateia.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Hoje a gente sabe que menos de 1% dos genes de um indivíduo respondem pela transmissão da cor da pele, dos olhos e dos cabelos. Africanos e chineses, por exemplo, têm a pele mais escura por causa da concentração da melanina, e nem por isso são geneticamente mais próximos. Também já é comprovado por meio de evidências que o comportamento ou o caráter não tem a ver com os níveis de

melanina ou com o formato do corpo. Por isso o racismo científico é uma ideologia. Uma ideologia que foi tomada como verdade indiscutível durante o colonialismo. E mesmo depois de desmascarada permaneceu entranhada na mente de muitas pessoas.

[MÚSICA]

[ÁUDIO]

- Aplausos da plateia.
- Som ambiente de um grande auditório.

[RAQUEL]

Em 13 de junho de 1990, o líder sul-africano Nelson Mandela fez um discurso histórico no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, na França. Na tribuna, Mandela põe os óculos, organiza os seus papéis, e fica olhando pras pessoas, enquanto os fotógrafos fazem o registro oficial.

[ÁUDIO]

- Flashes das câmeras.

[RAQUEL]

São quase 40 segundos de silêncio, com todos os olhos voltados pra aquele homem que, quatro meses antes, tinha sido libertado após 27 anos na prisão.

[ÁUDIO]

- Mandela limpa a garganta.

[RAQUEL]

Com um sorriso leve no rosto, Mandela limpa a garganta e dá início a um discurso de mais de uma hora, diante de um parlamento lotado de autoridades importantes da Europa. E ele não hesita em dizer que aquele continente sabe muito bem o que é racismo, porque os europeus foram os autores de uma ideologia racista insana e assassina, e acabaram também eles mesmos desumanizados por essa ideologia.

[ÁUDIO]

- Nelson Mandela: This continent knows the true meaning of racism. It's people have been perpetrators of racism against others, and themselves, the victims of an insane and murderous racist ideology.

[RAQUEL]

Naquele momento, em junho de 1990, a África do Sul ainda tava sob o Apartheid. Na tribuna do parlamento, Mandela denunciou o regime.

[ÁUDIO]

- Nelson Mandela: It is important to bear in mind that we are faced with the reality that the apartheid system in our country continues. We continue to be ruled by a white minority government. All the other pillars of the apartheid system have not yet been removed. Police repression is still part of the reality of our daily lives. Our people continue to die in the province of Natal as a direct result of the fact of the system of apartheid [aplausos].

[RAQUEL]

Ele diz que o país continua governado pela minoria branca, e que os pilares do Apartheid continuam lá, como a repressão policial e as pessoas sendo assassinadas por efeito direto do sistema de governo. O Apartheid transformou a segregação racial baseada na cor da pele em uma política de estado, que afetava todos os âmbitos da vida de uma pessoa negra. O regime foi estabelecido oficialmente na África do Sul em 1948, quando o Partido Nacional, dominado pelos brancos Boers e Afrikaners, venceu as eleições gerais.

[MÚSICA]

[GABI]

Só pra gente entender o contexto histórico. Os Boers eram descendentes dos holandeses que chegaram à África do Sul no século 17. Eles foram desenvolvendo uma identidade cultural e linguística, conhecida como Afrikaans - uma mistura de holandês com idiomas africanos. O termo Afrikaner é mais amplo. Além dos descendentes de holandeses, abrange outros sul-africanos brancos, incluindo os que vieram da Alemanha e da França. Ou seja, todo Boer é um Afrikaner, mas nem todo Afrikaner é um Boer. No início do século 19, os britânicos tomaram dos holandeses o controle do Sul da África. Na década de 1870, eles passaram a explorar diamantes e construíram ferrovias pra escoar a produção. Isso fortaleceu a

economia da cidade portuária do Cabo, mas as regiões habitadas por sul-africanos negros foram excluídas desse crescimento. Assim a administração colonial transformou a segregação geográfica numa política de governo. A Lei de Terras Nativas, de 1913, determinou que pessoas negras só podiam ser proprietárias de terrenos em áreas específicas da África do Sul, e essas áreas representavam só 8% do país. Em 1931, o domínio legal dos britânicos chegou ao fim. Mas só duas décadas depois os Afrikaners passaram a ser mais numerosos que os ingleses entre a população branca das grandes cidades. Quando os negros também começaram a dividir espaço com os Afrikaners nos centros urbanos, a ideia de segregação racial ganhou força. Vale lembrar que essa era a época da Segunda Guerra Mundial, e muitos integrantes do Partido Nacional na África do Sul eram apoiadores declarados do nazismo. Foi esse cenário influenciado pela supremacia branca que possibilitou a vitória nas eleições gerais e a implementação do regime de Apartheid.

[RAQUEL]

No idioma Afrikaans, a palavra Apartheid significa “separação”. Foi esse conceito que levou o Partido Nacional ao poder em 1948. Nas duas primeiras décadas, o governo promulgou 148 leis pra consolidar o regime. Os negros eram obrigados a viver em áreas separadas, chamadas de bantustões, ou terras nativas. Muitos bantustões ficavam naquelas áreas que os britânicos já tinham excluído da economia ferroviária, lembra? Tudo era segregado: escolas, transporte, serviços, bancos de praça, banheiros públicos, tudo. A resistência ao regime ganhou força ao longo da década de 1950, com protestos, greves e campanhas de desobediência civil.

[ÁUDIO]

- Cena do filme “Mandela: longo caminho para a liberdade”
- Som ambiente + narração em inglês: “At Sharpeville, an industrial township, thousands gathered outside a police station, in protest against new laws requiring every african to carry a pass at all times”
- Som de aviões passando.

[RAQUEL]

No dia 21 de março de 1960, em Sharpeville, nos arredores de Joanesburgo, milhares de pessoas fizeram uma marcha pacífica contra a Lei de Passe, que era um símbolo da opressão no Apartheid. Toda pessoa negra era obrigada a portar um passe, uma caderneta de identificação, pra circular em áreas reservadas pros brancos. Quem não levava o passe podia ser preso. Essa é uma cena do filme

“Mandela: longo caminho para a liberdade”, de 2013. O filme recria esse episódio de Sharpeville. Quando os manifestantes se concentram em frente a uma delegacia, a polícia abre fogo, com rajadas de metralhadora.

[ÁUDIO]

- Começam os tiros.

[RAQUEL]

Em dois minutos, sessenta e nove pessoas foram assassinadas e 180 ficaram feridas. Em 2013, no ano em que o filme foi lançado, a rede de televisão CBS News fez uma reportagem com descendentes de pessoas que morreram em Sharpeville e também com sobreviventes do massacre.

[ÁUDIO]

- Abraham: This is where the first shot hit me, in my right foot.

- Repórter: It hit you right here?

[RAQUEL]

A repórter conversa com Abraham, um dos sobreviventes, que mais de 50 anos depois ainda tinha uma bala alojada na coluna.

[ÁUDIO]

- Repórter: What were you thinking?

- Abraham: We wer all in fear, you know? We were just trying to escape.

[RAQUEL]

Ela pergunta o que ele tava pensando na hora, e ele diz que todo mundo tava com medo, que só deu tempo de tentar escapar. O massacre fez a opinião pública mundial voltar a atenção pra África do Sul, e o movimento de resistência se intensificou. Um ano depois, Nelson Mandela deu a sua primeira entrevista na televisão, pro repórter Brian Widlake, do canal inglês ITN.

[ÁUDIO]

- Repórter: Now if Doctor Verwoerd's government doesn't give you the kind of concession that you want sometime soon, is there any likelihood of violence?

[RAQUEL]

Ele pergunta se existe alguma possibilidade de haver protestos violentos, caso as conversas com o governo não avancem.

[ÁUDIO]

- Nelson Mandela: There are many people who feel that it is useless for us to continue talking peace and non-violence against the government, whose reply is only savage attacks on unarmed defenseless people. And I think the time has come for us to consider, in the light of our experiences, whether the methods which we have applied so far are adequate.

[RAQUEL]

Mandela diz que naquele momento, muita gente questionava se fazia sentido insistir no diálogo com um governo que só respondia com ataques selvagens. Ali ele admite que era hora de avaliar se os métodos de protesto pacífico eram os mais adequados. As manifestações continuaram, e dois anos depois dessa entrevista, Mandela foi preso. Ele ficou na cadeia por 27 anos. Nesse tempo, o governo sul-africano sofreu sanções internacionais, e a Organização das Nações Unidas implementou o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, o 21 de março, em referência ao Massacre de Sharpeville. Em 1993, Mandela saiu da prisão, e no ano seguinte, foi eleito presidente da África do Sul, encerrando o Apartheid. Foram 46 anos de um regime baseado na ideologia do racismo. Quer mais um exemplo? Eu vou ler uns trechinhos de uma carta escrita pelo Daniel Malan, que ocupou o cargo de primeiro-ministro no começo do Apartheid. E a gente vai comparar com aquele trecho do livro do Arthur de Gobineau, um dos pais do racismo científico, lembra? Na carta enviada a um pastor, o Daniel Malan diz o seguinte:

[MÚSICA]

[RAQUEL]

“A profunda consciência de cor dos sul-africanos brancos — um fenômeno além da compreensão dos desinformados — surge da diferença fundamental entre os dois grupos: brancos e negros.”

[CAIO SANTOS]

“Diferem-se na forma e proporção dos membros, na estrutura do crânio, na conformação interna do corpo, na natureza do sistema capilar, na cor da pele e

assim por diante; e nunca conseguiram perder suas características distintivas exceto sob a influência poderosa do cruzamento de sangue.”

[RAQUEL]

“A diferença de cor é apenas a manifestação física do contraste entre duas formas de vida irreconciliáveis, entre a barbárie e a civilização, entre o paganismo e o cristianismo, e, finalmente, entre probabilidades numéricas esmagadoras de um lado e números insignificantes do outro.”

[CAIO SANTOS]

“Essa permanência das qualidades raciais é suficiente para gerar a radical dessemelhança e desigualdade que existe entre os diferentes ramos.”

[RAQUEL]

“Assim foi nos primórdios e, em grande parte, assim permanece. As diferenças raciais são tão pronunciadas hoje quanto eram há 300 anos.”

[CAIO SANTOS]

“As raças existentes constituem ramos separados de um ou vários estoques primitivos.”

[MÚSICA]

Fim da música.

[RAQUEL]

O livro do Gobineau e a carta do Malan foram escritos com intervalo de exatamente um século. E não parece que saíram da mente da mesma pessoa? Pra te mostrar o efeito prático dessa ideologia até os dias de hoje, eu quero que você ouça um trecho de outro livro: o livro “Memórias da plantação”, da Grada Kilomba, uma escritora, teórica, psicóloga e artista multidisciplinar portuguesa que vive na Alemanha. Ela traz o depoimento de uma mulher afro-alemã chamada Alice.

[MÚSICA]

[JANAÍNA OLIVEIRA]

As pessoas sempre me perguntavam de onde eu vinha. “De onde você vem?” Elas me perguntavam diariamente, e de novo, e de novo, desde que eu era criança. Isso é

tão racista, porque elas sabem que há pessoas negras que são alemãs e que até falam alemão melhor que elas.

[RAQUEL]

Essa voz é da Janaína Oliveira. Você já ouviu ela aqui anunciando os títulos dos episódios.

[JANAÍNA OLIVEIRA]

E se eu respondo que sou alemã, elas olham confusas. Elas param por um momento, pensando... “alemã?” Ou começam a rir, como se eu não tivesse entendido a pergunta. “Ah não, você não pode ser alemã, você não parece alemã”, e apontam pra pele. Eu não tenho uma história que se pareça comigo. Sinto que na verdade não tenho história nenhuma. Porque a minha história, a história afro-alemã, não é bem-vinda. As pessoas não querem ouvi-la e não querem saber nada sobre ela.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Se a raça foi e continua sendo um fator de opressão dentro e fora da África, ela também foi e continua sendo um motor de resistência. A questão da raça teve no centro de movimentos históricos importantes como a Negritude e o Pan-Africanismo.

[GABI]

A Negritude como movimento cultural surge no início do século 20 entre os intelectuais e artistas negros no mundo francófono, principalmente nas colônias da França na África e no Caribe. A ideia é celebrar a herança e a identidade dos africanos, afirmando a dignidade das pessoas negras e desafiando sistemas opressores que historicamente marginalizaram essas pessoas. Já o Pan-Africanismo é um movimento complexo de ideias, teorias e visões de mundo, que surgiu na primeira metade do século 19 como uma resposta às teorias raciais da época. Essa resistência nasce a partir do contato entre negros do continente africano, da Grã-Bretanha, das Antilhas e dos Estados Unidos – ou seja, da diáspora africana. A ideia inclusive era que a África se transformasse nos Estados Unidos da África. Entre os expoentes estão o sociólogo afro-norte-americano William Du Bois; e o

primeiro presidente de Gana, Kwame Nkrumah, que a gente já ouviu aqui no podcast.

[ÁUDIO]

- Kwame Nkrumah: Only our unity can provide us with anything like adequate protection. Those problems can best be met within unified Africa.

[GABI]

Esse é o Kwame Nkrumah discursando em Acra, capital de Gana, na Conferência dos Defensores da Liberdade, em junho de 1962. Ele diz que só a união do continente pode garantir proteção e resolver os problemas da África - defendendo inclusive um plano econômico unificado.

[ÁUDIO]

- Kwame Nkrumah: This is another reason why we should come together in a unified African economic plan.

[GABI]

O Pan-Africanismo prega a solidariedade racial entre todos os indivíduos de ascendência africana, tanto no continente como em outras partes do mundo, na diáspora.

[ÁUDIO]

- Kwame Nkrumah: Long live african freedom fighters.

[RAQUEL]

Essa visão unificada da África, ignorando as diversidades internas, também recebeu críticas. E um desses críticos é o filósofo Kwame Anthony Appiah, nascido na Inglaterra, com mãe inglesa e pai ganês. Ele defende e reconhece a importância histórica do movimento, mas aponta que a generalização também pode ser um tipo de racismo. Em 1992 ele publicou um livro chamado "Na casa de meu pai". O pai dele foi Joe Appiah, que chegou a ser preso como opositor político do regime de Nkrumah em Gana, mas foi um entusiasta do Pan-Africanismo. O livro cita o Congresso Pan-Africano de 1945, que reuniu na Inglaterra mais de duzentos representantes do mundo inteiro pra pedir a união dos povos de ascendência africana.

[CAIO SANTOS]

Em 1945, meu pai esteve com Nkrumah e Du Bois no Congresso Pan-Africano em Manchester. Meu pai, penso eu, era um pan-africanista tão completo quanto qualquer um deles. Mas também nos ensinou a não sermos seduzidos pelo racismo. Meu pai é o meu modelo para a possibilidade de um Pan-Africanismo sem racismo, tanto na África, quanto em sua diáspora.

[RAQUEL]

Kwame Anthony Appiah é um desses nomes que ajudam a pensar a história da África numa perspectiva diferente da visão eurocêntrica que a colonização tentou empurrar. Assim como Achille Mbembe, filósofo, historiador e teórico político camaronês, que saiu pra estudar na França nos anos 80, mas voltou pra Camarões. Ele usa o termo autodeterminação pra se referir à capacidade que o indivíduo tem de perseguir o seu próprio destino. Quando a determinação não é mais feita pelo outro, pelo europeu, ela se torna fundamental pra quebrar essas estruturas de opressão que tão aí até hoje. Pra entender melhor o Pan-Africanismo e como ele possibilitou a criação de organizações importantes no continente, eu conversei com o professor Babatunde Fagbayibo.

[ENTREVISTA - BABATUNDE FAGBAYIBO]

My name is Babatunde Fagbayibo. I teach International Law at the University of Pretoria.

[RAQUEL]

Ele é nascido na Nigéria, mas hoje mora na África do Sul e dá aula de Direito Internacional na Universidade de Pretória. Fagbayibo explica que existem dois tipos de pan-africanismo.

[ENTREVISTA - BABATUNDE FAGBAYIBO]

The liberation Pan-Africanism and the Integrity Pan-Africanism. So liberation Pan-Africanism was one centered on... we have to gain independence as members, as a state, to fight colonialism. We need to asset the dignity and pride of black persons, to kind od call colonialism at is, as crimes against humanity.

[RAQUEL]

O Pan-Africanismo de libertação, soberanista, defende que primeiro é preciso que cada país consolide sua independência como Estado pra depois pensar na luta em

conjunto com outras nações. E o pan-africanismo integracionista, que defende a unificação política, econômica e social do continente, deu origem a várias organizações. Em 1963, 32 chefes de Estado se reuniram em Adis Abeba, capital da Etiópia, pra oficializar a Organização da Unidade Africana. Três discursos históricos marcaram aquele evento. Ahmed Ben Bella, presidente da Argélia, disse entre outras coisas que 10 mil voluntários argelinos tavam dispostos a lutar pela independência de Angola. Gamal Abdel Nasser, chefe de Estado do Egito, cobrou que todos os países boicotassem qualquer tipo de discriminação por raça. E claro, Kwame Nkrumah também discursou, defendendo até uma Constituição comum no continente.

[ÁUDIO]

- To establish: 1. Commission to frame a Constitution for a Union Government of African States.

[RAQUEL]

Quase quatro décadas depois, a Organização da Unidade Africana foi substituída pela União Africana, criada em julho do ano de 2002. Babatunde Fagbayibo ajuda a gente a entender essa transição.

[ENTREVISTA - BABATUNDE FAGBAYIBO]

The transformation of the Organization of African Unity to the African Union in 2002. I mean, there had been debates within the African Union shortly after the fall of Apartheid in South Africa because the way you... again, part of its mandate was to rid the continent of colonialism, and to liberate all the countries that are being colonized. There was Angola, there was Moçambique. There was Zimbabwe. Then the last of them was South Africa. And the debate then was that, look, it has fulfilled its mandate? Yes, it has not been able to integrate the continent in the way one would have wanted it - political and economic integration. Or even there were security issues on the continent, because there were many wars, many conflicts across the continent. So the idea was that it had fulfilled its mandate. Do we need a new organization? An organization that is able to handle, an organization that is actually able to position Africa as a key player from the periphery to the center of global politics.

[RAQUEL]

A Organização da Unidade Africana tinha como objetivo unir o continente e livrar do colonialismo países que ainda não tinham alcançado a independência, como Moçambique, Angola e Zimbábue. Assim como livrar do Apartheid a África do Sul. Nos anos 2000, com as nações já independentes e o fim do regime de segregação sul-africana, o objetivo da União Africana era outro: tirar a África da periferia da política global e colocá-la numa posição mais central do debate. Isso tudo representando não só os 54 países do continente, mas também a diáspora.

[ENTREVISTA - BABATUNDE FAGBAYIBO]

Recognizing the diasporas. Africans diaspora has a sixth provinces of the African Union. So Africa is divided into five geographical zones: the north, south, east, west, central. And the sixth property is actually the African diaspora. From Latin America, Africans in the US, in America.

[RAQUEL]

Além das cinco regiões do continente - norte, sul, leste, oeste e central - a União considera a diáspora como uma espécie de sexta região, incluindo pessoas de ascendência africana que vivem nas Américas, no Caribe, na Europa e na Ásia.

[ENTREVISTA - BABATUNDE FAGBAYIBO]

African issues and realities, to what extent are we integrating them and using them to analyze and to understand, for example, many of the practices of the African Union? For example, in terms of three moments of presence. What extent are we using Pan-African epistemics and principles to explain the reason why ?? has to be opened to explain the reasons. Why we need to have an effective ?? area, right? These are all of the issues.

[RAQUEL]

Fagbayibo questiona até que ponto a realidade do continente é considerada em várias práticas da União Africana. É interessante pensar nessa contraposição com a União Europeia. Porque mesmo com o pós-independência, muitos países africanos ainda carregam resquícios das colonialidades, da subalternidade e do racismo. A operação da União Africana continua sendo atravessada por heranças coloniais. Essas heranças são ideológicas, econômicas, jurídicas e também epistemológicas.

[MÚSICA]

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Som ambiente do mercado popular na Namíbia.

[RAQUEL]

Um exemplo muito nítido da herança colonial é o mercado popular na Namíbia, que você conheceu no início do episódio, com aquelas pilhas de potinhos de creme pra clarear a pele. E no caso da Namíbia isso fica ainda mais simbólico, porque o país foi colonizado duas vezes, por um europeu e por um africano. Depois do domínio alemão no fim do século 19, teve o domínio da África do Sul a partir de 1920. Como uma colônia sul-africana, a Namíbia também sofreu com o sistema de Apartheid até a sua independência, que só veio em... 1990. A gente tá falando de pouco mais de 30 anos atrás. É inevitável que essa herança ainda esteja muito viva. E que a cor da pele ainda seja uma questão até os dias de hoje.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Vendedora: They want to be... want to look nice, they want to be white [risos]

- Raquel: They want to be white. Yeah.

[MÚSICA]

[JANAÍNA OLIVEIRA]

No próximo episódio...

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Raquel: Vamos entrar? Hi.

[campainha]

Thank you.

[campainha]

[RAQUEL]

Você vai ver como a estética colonial foi uma ferramenta poderosa usada pelos europeus e tá presente até hoje no continente africano.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Raquel: E todos esses cartões postais que custam 15 dólares namibianos são reimpressões de fotos do período colonial, em que aparecem os generais alemães empunhando espadas ou com armas, nessa postura assim de dominação...

[RAQUEL]

Mas a estética também foi uma arma de contra-ataque.

[ÁUDIO]

- **Fela Kuti:** I want to present myself as an African.

[MÚSICA]

[CRÉDITOS]

Tramas Coloniais é um podcast documental em sete episódios, com realização da produtora Escuta Aqui, e apoio do Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito, Departamento Regimes Históricos de Normatividade. Em tramascoloniais.com.br você pode se aprofundar no conteúdo dos episódios, com fotos, vídeos, entrevistas, indicações de livros e bastidores da produção. Você também encontra a gente buscando por Tramas Coloniais no Instagram, no TikTok e no Bluesky. A idealização do podcast é da Raquel Sirotti e da Fernanda Thomaz. As pesquisas e as entrevistas são da Raquel e da Fernanda, com o auxílio do Mauro Manhanguale, da Karolyne Mendes e da Bianca Silva. A Raquel faz a produção e apresenta o podcast, acompanhada pela Gabriela Montoni. As locuções adicionais são da Janaína Oliveira e do Caio Santos. As gravações de campo e as fotografias são do Marcelo Londoño. A direção geral do podcast é do Rodrigo Alves, que sou eu, e eu também escrevo os roteiros. A supervisão dos roteiros é da Gabriela Montoni e do Thales Ramos. A Clara Costa é responsável pela edição e pelo desenho de som. A assistente de edição é a Giovanna Orsini. A trilha sonora do podcast é original, composta pelo Gabriel Falcão. As locuções são gravadas no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. E a gente recebeu uma consultoria de locução do Tiago Rogero. A identidade visual e as ilustrações são da artista Mayara Ferrão. O site foi desenvolvido pela Mariana Tavares. E a Emily Sabino cuida da distribuição e da produção nas redes sociais. Você gostou do episódio? Conta pra gente nas redes, compartilha com quem você acha que vai gostar, espalha o conteúdo por aí, e muito obrigado pela escuta.

[FIM DO EPISÓDIO]